

**ESTRUTURAS COM O ITEM LINGUÍSTICO *MEIO*  
NA LÍNGUA PORTUGUESA:  
DESCRIÇÃO E ANÁLISE**

Gilsileide Cristina Barros Lima Lima (UESB)

[gilbarroslima@gmail.com](mailto:gilbarroslima@gmail.com)

Valéria Viana Sousa (UESB)

[valeriavianasousa@gmail.com](mailto:valeriavianasousa@gmail.com)

Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)

[adavgvstvm@gmail.com](mailto:adavgvstvm@gmail.com)

**RESUMO**

Neste artigo, apresentaremos uma análise de estruturas formadas pelo item linguístico meio em obras lexicográficas da língua portuguesa, do século XVIII ao XXI. Ancorados no Funcionalismo norte-americano, pretendemos mostrar que a língua está em constante mudança e que, nessa perspectiva, é importante descrever e analisar, sob o ponto de vista da gramaticalização, construções das quais meio participa em dicionários, obras que consideramos ter como propósito o registro do maior número possível de ocorrências das unidades léxicas de uma língua. Para tanto, consultamos o *Vocabulário Portuguez e Latino*, de Raphael Bluteau (1728), e o *Diccionario da Língua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva (1789). Luiz Maria da Silva Pinto (1832), com o *Diccionario da Língua Brasileira* representa o século XIX. Do século XX, selecionamos três obras: o *Dicionário Escolar das Dificuldades da Língua Portuguesa*, de Cândido Jucá Filho (1963), o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Francisco Júlio de Caldas Aulete (1964) e o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado (1967). Do nosso século, decidimos por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2009), com o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2009) e Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, autores do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009).

**Palavras-chave:** Meio. Dicionário. Língua Portuguesa. Funcionalismo.

**1. Introdução**

A ideia deste artigo surgiu no decorrer do mestrado em linguística (em andamento), em que analisamos, nos *corpora* orais, formados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo - CNPq - Português Popular (PPVC) e Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC) – o (possível) processo de gramaticalização da construção *meio que*. O estudo despertou em nós o interesse de investigar, em dicionários da língua portuguesa, desde os clássicos até os mais modernos,

como se apresentam sintática, semântica e pragmaticamente as estruturas formadas por *meio*, para entendermos o funcionamento desse item linguístico, nas diferentes sincronias, bem como seu percurso no decorrer do tempo (diacronia).

O objetivo é apresentar uma descrição e análise dos padrões de mudanças empreendidos pela forma *meio* em dicionários do século XVIII ao XXI. A linha teórica adotada é o funcionalismo, que tem como uma das suas proposições a gramaticalização, processo de mudança linguística, bem como a realização de pesquisa em perspectiva panocrônica. Dessa forma, olharemos, nesse momento, para a diacronia, mediante o levantamento etimológico do item *meio* em dicionários. Simultaneamente, olharemos para a sincronia, percebendo o nosso objeto de estudo na língua em uso.

Para a presente pesquisa, recorreremos aos seguintes dicionários: *Vocabulario Portuguez e Latino*, de Raphael Bluteau (1728); o *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva (1789). O *Diccionario da Lingua Brasileira*, de Luiz Maria da Silva Pinto (1832); O *Dicionário Escolar das Dificuldades da Língua Portuguesa*, de Cândido Jucá Filho (1963); O *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Francisco Júlio de Caldas Aulete (1964); O *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado (1967). O *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2009), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2009) e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009) de Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar.

O estudo está dividido da seguinte maneira: inicialmente, discutimos o processo de gramaticalização: conceitos, categorias e estágios; no momento posterior, apresentamos as estruturas formadas com o item *meio* nos dicionários pesquisados; seguimos com a análise e discussão dos dados encontrados nessas obras; as considerações finais fecham a discussão sobre esta pesquisa.

## **2. Fundamentação teórica**

### **2.1. A gramaticalização: conceitos**

O funcionalismo tem como um dos seus pressupostos a Gramaticalização, processo de mudança na língua, que consiste na passagem de um elemento lexical à unidade gramatical ou de um item gramatical a mais gramatical ainda. Sustentam esse conceito Heine et al. (1991) e

Hopper e Traugott (1993), conforme vemos a seguir:

Heine *et al.* (1991) abrigam sob o termo *gramaticalização* tanto o percurso de um morfema do estatuto lexical para o gramatical, como o percurso do estatuto menos gramatical para o mais gramatical. Ainda Hopper (1991, p. 17-35), rejeitando a noção de uma gramática estável, diz que todas as partes da gramática estão sempre sofrendo mudanças, e, por isso, os fenômenos gramaticais em geral podem ser pensados como envolvidos na gramaticalização. (NEVES, p. 120-121)

Na perspectiva de Castilho (2012), gramaticalização é o processo de constituição da gramática, em que uma palavra "(i) ganha novas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas; (ii) transforma-se numa forma presa; (iii) e pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema". (CASTILHO, 2012, p. 138)

Considerando o percurso das formas linguísticas durante a Gramaticalização, e, sendo esse um processo, ao mesmo tempo, sincrônico e diacrônico, como defende Castilho (2012, p. 139), é importante analisar os padrões da trajetória de *meio* em dicionários do século XVIII ao XXI, em uma perspectiva pancrônica – sincronia e diacronia. Nos estudos funcionalistas, esses estágios são essenciais e determinantes para explicar as mudanças linguísticas. Por um lado, a sincronia relaciona-se ao caráter instantâneo da língua, perspectiva na qual é possibilitada a fotografia da língua em uso; na diacronia, por sua, nos é permitido verificar a evolução linguística, a origem das formas gramaticais, bem como reconstruir a história de uma língua. Assim, do ponto de vista da temporalidade, para o modelo Funcionalista, a língua "constitui uma atividade no tempo real, cujas regularidades são provisórias e continuamente sujeitas à negociação, à renovação e ao abandono, sendo portanto, constitutivamente heterogênea". (CASTILHO, 2012, p. 138-139)

Desse modo, ao assentarmos nosso estudo nos pressupostos Funcionalistas, em um diálogo pancrônico, mostraremos, do ponto de vista diacrônico, a recategorização de *meio*, que teve ampliada a sua categorização gramatical. Inicialmente integrante da classe dos substantivos e adjetivos – séculos XVIII a XX – esse item passou a compor também – a partir do século XX – a classe das locuções, dos advérbios e numerais. Na perspectiva sincrônica, é possível verificar em Silva (1789), ainda que sutilmente, que o sentido discursivo de *meio* na condição de advérbio começa a aparecer.

## **2.2. Gramaticalização: categorias cognitivas**

Castilho (1997) entende a Gramaticalização como o processo de constituição da gramática. Grosso modo, “é a codificação de categorias cognitivas em formas linguísticas, aí incluídas a percepção do mundo pelas diferentes culturas, o processamento da informação etc.”. (CASTILHO, 1997, p. 32)

Esse processo ocorre, segundo o autor, da seguinte forma: ao compor uma gramática, as comunidades elegem uma representação linguística para as categorias cognitivas, alterando-as no decorrer do tempo. Essas categorias, no entanto, são estáveis, o que muda é a sua representação gramatical, semântica e discursiva (CASTILHO, 2012, p. 138). Desse modo, o trajeto empreendido por um item lexical acontece tanto no tempo real quanto no tempo aparente. (CASTILHO, 1997, p. 31)

Assim, a gramaticalização segue um *continuum* de abstratização, isto é, uma única direção de mudança, como aponta a escala proposta por Heine, Claudi e Hünnebmeyer (1991b):

**pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade**

Nesse percurso unidirecional, a abstratização ocorre da esquerda para a direita e corresponde à experiência do indivíduo com o mundo concreto. As mudanças partem, portanto, de categorias mais próximas do indivíduo, mais concretas, para categorias mais distantes deste, menos concretas. (NOGUEIRA, 2008, p. 5)

## **2.3. Gramaticalização: estágios**

Lehmann (1995 [1982] *apud* CASTILHO, 1997, p. 31) prevê quatro estágios para a gramaticalização: sintaticização, morfologização, redução fonológica e estágio zero.

A *sintaticização* consiste na recategorização de um item lexical: uma “classe de palavra X” passa à classe de palavra Y” (CASTILHO, 1997, p. 32). É o que ocorre com *meio*, que vai agregando funções e sentidos ao longo do tempo. De substantivo e adjetivo, passa à categoria de advérbio, locução e numeral.

A *morfologização* trata da criação de formas presas, sejam afixos flexionais, sejam afixos derivacionais (CASTILHO, 1997, p. 43). *Morar*

*parede em meio* com alguém (SILVA, 1789, p. 283), por exemplo, passa a *paredes-meias* (plural) em Aulete (1964).

No estágio de *redução fonológica/desmorfemização*, formas livres fundem-se com outras formas livres, transformando-se em formas presas, gramaticalizando-se como afixos. (CASTILHO, 1997, p. 46)

O *estágio zero* é o momento máximo de exaustão da estrutura, e anuncia a retomada do processo contínuo que é a gramaticalização (CASTILHO, 1997, p. 46). Como exemplo, temos a categoria processo em Irei *bufcando algum meyo*. Cic. (BLUTEAU, 1728, p. 473) e a categoria qualidade em *Ter meio com alguma coisa* (guardar moderação, ter sofrimento). (SILVA, 1789, p. 283)

Dois mecanismos possibilitam o processo de Gramaticalização: a metáfora e a metonímia. A metáfora ocorre por meio da analogia, processo em que se transfere um domínio conceptual para outro. A metonímia, mediante a reanálise, processo em que se aproximam significações em função da proximidade de formas linguísticas.

No processo metafórico, a abstratização ocorre de forma crescente, em um processo unidirecional. É assim que conceitos mais concretos, como em [No *meyo* da praça], associado à categoria espaço, por exemplo, passam a conceitos mais abstratos, como em [Tomar os inimigos em *meyo*].

No processo metonímico, estão envolvidos “o encadeamento sintático e um processo criativo bastante produtivo das línguas” (SPAZIANI, 2008, p. 27). A pressão da informatividade funciona como “um gatilho que faz surgir a mudança na superfície da expressão” (SPAZIANI, 2008, p. 27). É o que ocorre com a sentença *Agricultores plantam de meia com ladrões* (FERREIRA, 2009, p. 1304). *De + meia*, itens de domínios cognitivos diferentes, formam uma única expressão que, apesar de explícita, “não se denota sua mescla”. (SPAZIANI, 2008, p. 27)

### 3. Metodologia

Compõe o *corpus* desta pesquisa um conjunto de estruturas formadas pelo item linguístico *meio*, extraídas de obras lexicográficas da língua portuguesa, dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI. Do século XVIII, nossas fontes de consulta foram o *Vocabulario Portuquez e Latino*, de Raphael Bluteau (1728), e o *Diccionario da Lingua Portuqueza*, de An-

tonio de Moraes Silva (1789). Escolhemos Luiz Maria da Silva Pinto (1832), com o *Diccionario da Língua Brasileira* para representar o século XIX. Do século XX, selecionamos três obras: o *Dicionário Escolar das Dificuldades da Língua Portuguesa*, de Cândido Jucá Filho (1963), o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Francisco Júlio de Caldas Aulete (1964) e o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado (1967). Do nosso século, decidimos por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2009), com o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2009) e Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar, autores do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009). Do acompanhamento da trajetória dos dicionários, foram identificadas quarenta e quatro estruturas assumidas pelo item linguístico *meio* e esquematizadas de acordo com o padrão funcional de cada uma e com o conceito de sequência de categorias cognitivas proposto por Heine, Claudi e Hünne-meyer (apud NOGUEIRA, 2014).

Inicialmente, identificamos e, em seguida, coletamos as estruturas formadas pelo vocábulo *meio* em todos os dicionários supracitados, de acordo com cada período considerado. Posteriormente, verificamos a categorização gramatical que cada lexicógrafo atribui a *meio* nas suas respectivas obras. Prosseguimos com a análise e reconhecimento do componente gramatical que determina a interpretação das construções. A descrição, a comparação, a padronização e análise dos dicionários precedem as considerações finais neste estudo.

#### **4. Estruturas formadas com o item meio em dicionários da língua portuguesa**

Mostraremos, a partir de agora, os nove padrões funcionais assumidos pelas estruturas com *meio*, identificados nos dicionários pesquisados. As categorias estão de acordo com a escala cognitiva proposta por Heine, Claudi e Hünne-meyer (apud NOGUEIRA, 2014). Tendo em vista que falta numeração nos verbetes dos dicionários mais antigos, optamos por citar o nome do lexicógrafo ao final de cada citação. As definições estão a cargo dos autores.

##### **ESTRUTURA 1 –**

locação que indica aquilo que pode ser medido. Identificada no dicionário de Aulete (1964). Associada à categoria cognitiva de pessoa.

(1) São nove precisamente (as musas), e *nem meia* casou (Castilho) (AULETE, 1964, p. 2562)

#### ESTRUTURAS 2 –

formadas por substantivos que indicam instrumento para uma ação. Estão presentes nos dicionários de Bluteau (1728) e Ferreira (2009). Associadas à categoria cognitiva de objeto.

(2) *Por este meyo* te poderàs defembaraçar. Terent.(BLUTEAU, 1728, p. 473)

(3) *Por meio* de manobras, conseguiu o que queria (circunst.) (HOUAISS, 2009, p. 1267)

(4) A dominação romana exercia-se *por meio das* armas (circunst.) (FERREIRA, p. 1304)

#### ESTRUTURAS 3 –

compostas por verbos com valor nocional de processo, cujo intuito é alcançar um fim. Identificadas apenas no dicionário de Bluteau (1728). Alguns usos dão ideia de futuro e indicam sujeito deliberador (implícito ou não). Outros têm como escopo o verbo *haver*, no sentido de existir e ter, e indicam fins não atingidos. Referem-se às categorias cognitivas de pessoa, instrumento e processo.

(5) Irei *bufcando algum meyo*. Cic. (BLUTEAU, 1728, p. 473)

(6) *Tomarei todos os meynos*, que me parecerem mais próprios para confeguirmos o noffo intento. Cic. (BLUTEAU, 1728, p. 473)

(7) *Havemos de bufcar algum meyo* para abalar, para ganhar a vontade defte homem. Tit. Liv. (BLUTEAU, 1728, p. 473)

(8) *Não ha meyo algum* para lhe tirar ifto da cabeça, para tirallo, ou defviallo difto. Cic. (BLUTEAU, 1728, p. 473)

(9) Estão rachando as despesas meio a meio (ou pelo meio) (HOUAISS, p. 1267).

#### ESTRUTURAS 4 –

indicam um recorte do espaço, concreto ou abstrato. Presentes nos dicionários de Silva (1789), Jucá Filho (1963), Caldas Aulete (1964), Ferreira (2009) e Houaiss (2009), associam-se à categoria cognitiva de espaço.

(10) *No meio do caminho* (da casa, da cidade, no meio dos montes, de um bosque.) (SILVA, 1789, p. 283)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

- (11) *No meio do inimigo.* (SILVA, 1789, p. 283)
- (12) O morgado estava *em meio da sala* (dentro de, no centro de, no meio de, em) (JUCÁ FILHO, p. 417)
- (13) *Meio de mundo* (lugar longínquo, cafundó) (AULETE, 1964, p. 2562)
- (14) E *em meio deles* eu solitário e só! (Garret) (entre) (AULETE, 1964, p. 2562)
- (15) Cresceu *em meio a* luxos e riquezas (HOUAISS, p. 1267)

### ESTRUTURA 5 –

indica metade do tempo expresso pelo substantivo. Encontramos no dicionário de Silva (1789). Refere-se à categoria cognitiva de processo e tempo.

- (16) *Meio caminho andado* (no sentido de metade do todo) (SILVA, 1789, p. 283)

### ESTRUTURAS 6 –

indicam processo desenvolvido no tempo sem ter chegado ao fim. Encontradas nos dicionários de Jucá Filho (1963), Ferreira (2009) e Houaiss (2009) associam-se às categorias cognitivas de processo e tempo.

- (17) Neste *em meio* chegou Custódia (Camilo) (neste comenos, ínterim, neste entretanto) (JUCÁ FILHO, p. 417)
- (18) Abandonou o trabalho *pele meio* (FERREIRA, 2009, p. 1304)
- (19) *Em meio à* discussão, levantou-se e saiu. (HOUAISS, p. 1267)

### ESTRUTURAS 7 –

compostas por adjetivos que indicam uma avaliação. Citadas nos dicionários de Bluteau (1728) e Silva (1789). Associam-se à categoria cognitiva de qualidade.

- (20) Grangear riquezas *por bons meyo*s, por meyo s lícitos. Cic. (BLUTEAU, 1728, p. 473)
- (21) Não quis Deos q aquella cor foffe das extremas, quaes faõ a brãca, & a preta, fenão outra *cor meya*, & mixta, que fe compuzelle de ambas, qual he a vermelha. Vieira (BLUTEAU, 1728, p. 475)
- (22) Cor meya (SILVA, 1789, p. 283)



#### ESTRUTURAS 8 –

locuções de valor discursivo-pragmático compostas pelo item em análise. Aparecem no dicionário de Bluteau (1728), Silva (1789), Jucá Filho (1963) e Caldas Aulete (1964). Referem-se à categoria cognitiva de qualidade.

- (23) (Ou tirão o chapeo *de meyo a meyo*, ou o pendurão pela ponta do cairel, como em tenda de Sirgueiro). Lobo, Corte na Aldca 339. (BLUTEAU, 1728, p. 476)
- (24) Não fazendo cafo de refpeitos próprios, quando eftava *de por meyo* o zelo da juftiça. Marinho, Apologer. Difcirt. 129. (BLUTEAU, 1728, p. 476)
- (25) Esse desprezo da forma que *a meio* confessa o dr. Clóvis (Rui). (JUCÁ FILHO, p. 417)
- (26) *Alcançado em meios* (diz-se de pessoa que foi rica e se acha pobre) (AULETE, 1964, p. 2562)
- (27) O orador deixou o discurso *em meio* (deixar incompleto) qualidade (AULETE, 1964, p. 2562)

#### ESTRUTURAS 9 –

locuções de valor discursivo-pragmático compostas pelo item em análise. Aparecem no dicionário de Bluteau (1728) e Silva (1789). São estruturas de natureza mais abstratas que, na nossa opinião, parecem estar demonstrando um percurso rumo à categoria texto.

- (28) Dar hum meyo a algum negocio. Cic. (BLUTEAU, 1728, p. 473)
- (29) *Tomar as coisas em seu meio* (fugir de extremos) (SILVA, 1789, p. 283)
- (30) *Ter meio com* alguma coisa (guardar moderação, ter sofrimento) (SILVA, 1789, p. 283)
- (31) *Metter-se ou entrar de per meio* para compor desavindos (ser mediano) (SILVA, 1789, p. 283)
- (32) *Dar meio ao negócio* (compô-lo a bem das partes) (SILVA, 1789, p. 283)

### 5. Análise dos dicionários

Observamos que as ESTRUTURAS 1 pertencem exclusivamente ao *Vocabulario Portuguez e Latino*, de Raphael Bluteau (1728), quando há, na língua portuguesa, há apenas duas classificações gramaticais para *meyo*: substantivo e adjetivo. Notamos que o conceito desse item já resulta de abstração:

“**Meio**. Substantivo. Qualquer expediente, indútria, razão, artifício, invenção que ferve para confequir algũa coufã” (BLUTEAU, 1728, p. 472).

Para configurar as estruturas da língua com o substantivo *meio*, o autor reserva uma lista de dezoito citações, especialmente de Cícero, Tito Lívio e outros pensadores. A principal forma de composição dessas sentenças são os verbos, em especial, os que indicam processo, conforme o exemplo a seguir:

(33) *Tomar os inimigos em meyo*. Tit. Liv.

Ao contrário do que ocorre com o substantivo, Bluteau (1728) não define o conceito de *meio* como adjetivo, antes, prefere explicar o significado das estruturas em que tal item figura nessa condição. É o que aponta o trecho: “Não quis Deos q aquella cor foffe das extremas, quaes faõ a brãca, & a preta, fenão outra *cor meya*, & mixta, que fe compuzelle de ambas, qual he a vermelha. Vieira (a que não he das extremas, mas participa delas”. (BLUTEAU, 1728, p. 475)

O autor utiliza a expressão, “outros modos de falar, em que ufamos defta palavra” (BLUTEAU, 1728, p. 476), para mostrar que, já naquela época, havia locuções de uso inovador, como é o caso de *de meyo a meyo* e de *de por meyo*, que, embora não tenham uma definição precisa, insistem em incorporar-se à língua. É o que deduzimos:

(34) Ou tirão o chapeo *de meyo a meyo*, ou o pendurão pela ponta do cairel, como em tenda de Sirgueiro. Lobo, Corte na Aldca 339.

(35) Não fazendo cafo de refeitos próprios, quando eftava *de por meyo* o zelo da juftiça. Marinho, Apologer. Difcirt. 129.

Nossa investigação prossegue com outra obra do século XVIII, a qual reduz, de oito para dois, os volumes do dicionário de Bluteau (1728). Trata-se do *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva (1789). À semelhança do que ocorre no *Vocabulario Portuguez e Latino* (BLUTEAU, 1728), no *Diccionario da Lingua Portuguesa* (SILVA, 1789), *meio* classifica-se em duas categorias gramaticais: substantivo e adjetivo. No entanto, os quase cinquenta anos que separam esses dois dicionários são suficientes para mudanças demasiado expressivas. Silva (1789) atribui gênero (masculino) ao substantivo. Ademais, promove um deslocamento de sentido no conceito, fato que provoca o aparecimento de novas formações discursivas. De “expediente, indútria, razão, artifício, invenção que ferve para confequir algũa coufã” (BLUTEAU, 1728, p. 472), *meio* substantivo passa a representar espaço: “**Meio, s.m.** O lugar, ou parte entre os extremos, que dista deles igual-

mente” (SILVA, 1789 p. 283).

O autor utiliza expressões para representar esses espaços, sejam eles concretos sejam abstratos.

(36) *No meio do caminho* (da casa, da cidade, no meio dos montes, de um bosque.)

(37) *No meio do inimigo*.

Apesar da transferência de sentido, Silva (1789) retoma expressões com verbos como *tomar* e *dar*, por exemplo, e constrói outras estruturas com uma bagagem mais discursiva. As definições são do próprio autor:

(38) *Tomar as coisas em seu meio* (fugir de extremos)

(39) *Dar meio ao negócio* (compô-lo a bem das partes)

As transformações de Silva (1789) atingem também o item *meio* categorizado como adjetivo. Diferentemente de Bluteau (1728), estabeleceu-se uma definição para essa classe: “**Meio, adj.** (antes Meyo) Que é ametade de algum todo. Grandeza, medida unidade”. (SILVA, 1789, p. 283). E surgem novas categorias cognitivas: processo, espaço e tempo:

(40) *Meio caminho andado* (no sentido de metade do todo).

Silva (1789) retoma duas locuções que, em Bluteau (1728), aparecem como “outros modos de falar”. À primeira, já incorporada à língua, o autor atribui uma definição. A segunda surge novamente com mudanças na estrutura gramatical, no entanto, com uma significação mais discursiva, fenômeno que indica aquilo que em nosso estudo classificariamos como processo de gramaticalização. As definições são do próprio autor:

(41) Foi encalhar na restinga *de meio a meio*, em dia claro, e sereno. Couto. (inteiramente)

(42) Metter-se, ou entrar *de per meio* para compor desavindos (ser medianeiro).

O *Diccionario da Lingua Brasileira*, de Luiz Maria da Silva Pinto (1832), foi a nossa fonte de consulta do século XIX. No entanto, não teve parte nos resultados do nosso estudo, dada a sua concisão de informações.

Do século XX, escolhemos em primeiro lugar, Cândido Jucá Filho (1963), autor do *Dicionário Escolar das Dificuldades da Língua Portuguesa*. Contrariando Bluteau (1728) e Silva (1789), esse autor categoriza

o item *meio* primeiro como adjetivo, significando um determinante de sentido aproximado. “**Meio**, adj. – que é pela metade. Não quero mais que meia porção. Determ. de sentido aproximado” (JUCÁ FILHO, 1963, p. 417).

Para Jucá Filho (1963), tal como a descrição de Bluteau (1728), *meio* quer dizer metade, representa localização no espaço e é um substantivo sem gênero. Eis a classificação que encontramos: “**Meio**, s. – metade. A bandeira portuguesa é meio verde, meio vermelha. Centro, ponto médio; linha média”. (JUCÁ FILHO, 1963, p. 417)

Ratificamos a predisposição de *meio* para formar estruturas inovadoras. Os verbos, categoria que se tornou, até então, um padrão na formação das construções com *meio*, desaparecem. Dessa vez, predominam as locuções, como atestam os segmentos:

(43) O morgado estava *em meio da* sala (dentro de, no centro de, no meio de, em)

(44) Esse desprezo da forma que *a meio* confessa o dr. Clóvis (Rui. (imperfeitamente, veladamente, de modo não explícito)

(45) Neste *em meio* chegou Custódia (Camilo) (neste comenos, ínterim, neste entretanto)

A segunda produção consultada do século XX é o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Francisco Júlio de Caldas Aulete (1964). Como ocorre em Jucá Filho (1963), nessa abordagem, a categoria “adjetivo” precede às outras classes, com um sentido mais concreto. Ademais, *meio* qualifica o substantivo e este retorna à condição de gênero masculino, como sustenta Silva (1789). Outra mudança é a funcionalidade de *meio* na condição de advérbio e formação de locuções prepositivas:

**Meio**. **1. adj.** que indica metade do objeto significado pelo substantivo. **2. s.m.** ponto médio; o ponto que se acha igualmente distante do princípio e do fim (quer falando do espaço, quer falando do tempo) **Ao meio (loc. prep.)**, tanto para um lado como para o outro, por metade, por igual. **adv.** Por metade, quase, com pouca diferença. (AULETE, 1964, p. 2562)

Seguindo a fórmula de Jucá Filho (1963), Caldas Aulete (1967) também prioriza as locuções. São inúmeras. Eis alguns modelos:

(46) São nove precisamente (as musas), e *nem meia* casou (Castilho) (fam. Absolutamente, nenhum)

(47) *Meio de mundo* (lugar longínquo, cafundó)

(48) O orador deixou o discurso *em meio* (deixar incompleto)

(49) *E em meio deles* eu solitário e só! (Garret) (entre)

(50) *Alcançado em meios* (diz-se de pessoa que foi rica e se acha pobre)

A terceira e última fonte de consulta do século XX é o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado (1967). Meio, aqui, recebe apenas duas classificações, cujos sentidos se aproximam. Como adjetivo deixa de ser um determinante de sentido aproximado e ganha reforço na acepção de *intermediário* (ou *mediador*), dialogando com a acepção defendida por Bluteau (1728). Eis o fragmento:

**Meio**, adj. Do lat. mediu-, “que está no meio, no centro, central; que constitui o meio de um objeto intermediário (no tempo); fig., intermediário entre dois extremos; intermediário entre dois partidos, **entre duas opiniões**; médio (na qualidade, no valor), intermediário, isto é, que participa de duas coisas contrárias; intermediário, mediador; pelo meio; metade”. **Meio**. s. “centro; fig., meio, lugar acessível a todos, à disposição de todos; sítio exposto à vista de toda a gente; metade (MACHADO, 1967, p. 1532-1533)

Embora tenha ampliado o sentido de *meio*, de *metade* para *intermediário*, como vimos, Machado (1967) não inova e recua na exploração das diversas funcionalidades do termo em estudo. Solitária, surge apenas a construção *pelo meio* (metade).

Chegamos ao século XXI com o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2009). Nesse dicionário, a classificação “substantivo masculino” abre as definições de *meio*, seguida do adjetivo e do advérbio. Ferreira (2009) atribui ao verbo uma quinta categoria: “**Numeral**. Metade de um; metade da unidade; um meio” (FERREIRA, 2009, p. 1304)

Seguindo o modelo dos lexicógrafos dos séculos XVIII e XX, o autor explora a funcionalidade de *meio* em outros campos. Na época presente, as locuções representam outros domínios de especialidade, uma tendência à representação dos fatos atuais: *Meio circulante*, *meios de produção*, *meio exterior*, *meio geográfico*, *meio de comunicação*, *meio interno* (Fisiol.), *de meia*, *embolar o meio de campo*.

Encerramos a nossa investigação com o *Houaiss da Língua Portuguesa*, dos filólogos Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar (2009). Nessa publicação, numeral é a primeira classificação para *meio*, além do substantivo masculino, do adjetivo e do advérbio. Essa categorização repete a de Ferreira (2009). Diferem das já citadas em Ferreira (2009) as locuções *meio de cultura*, *meio de vida* e *em meio a*.

O quadro adiante sintetiza as classificações gramaticais atribuídas

a *meio* nos dicionários pesquisados.

Autor	Substantivo	Adj.	Loc. prep.	Advérbio	Numeral
	Masc.				
Bluteau (1728)	+	+			
Silva (1789)		+			
Pinto (1832)		+			
Jucá Filho (1963)	+		+		
Aulete (1964)		+		+	
Machado (1967)	+		+		
Aurélio (2009)		+	+		+
Houaiss (2009)		+	+		+

Neste estudo, pudemos ratificar a afirmação de Castilho de que as categorias cognitivas não mudam, o que muda é a sua representação gramatical, semântica e discursiva (CASTILHO, 2012, p. 138), conforme resume o quadro acima.

Assim, encontramos nove padrões de estruturas formadas pelo item linguístico *meio* em obras lexicográficas da língua portuguesa, distribuídos da seguinte maneira na escala das categorias cognitivas:

**peessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade > texto**

**2      3      15      10      4      7      3**

Conforme os dados, as mudanças ocorrem da esquerda para a direita e partem de categorias mais próximas do indivíduo, mais concretas, para categorias mais distantes deste, menos concretas. É quando acontece uma abstratização crescente do elemento. No caso em estudo, o *meio*.

## 6. Considerações finais

Tivemos, neste estudo, o objetivo de apresentar uma análise de estruturas formadas pelo item linguístico *meio* em obras lexicográficas da Língua Portuguesa, do século XVIII ao XXI, mas perspectiva panorâmica – sincronia e diacronia.

Diacronicamente, observamos que *meio* assume propriedades sintáticas (forma locuções), morfológicas (empreende um deslizamento na categoria gramatical), fonológicas (de *meyo* passa a *meio*) e semânticas (adquire outros sentidos nos diversos contextos). Observamos também que, de forma sutil, algumas expressões surgem e incorporam-se à língua. É o caso de *de meio a meio*, expressão que é citada por Bluteau

(1728) ainda sem definição, mantida em Silva (1789), com um conceito breve e semanticamente plenificada em Aulete (1964).

Ainda na perspectiva diacrônica, constatamos a extensão semântica de *meio* ao longo do tempo. Tal condição recategorizou esse elemento na escala gramatical e atribuiu-lhe novas funções na escala cognitiva. Em uma perspectiva sincrônica, fizemos um estudo descritivo de *meio* em determinados momentos da história.

Encontramos nove padrões do elemento *meio* nos dicionários pesquisados. Com base nisso, confirmamos a hipótese de que os itens, ao longo do tempo, vão adquirindo representações gramaticais, semânticas e discursivas que os habilitam a atuar em diferentes classes. Como vimos, as categorias são permanentes, as representações gramatical, semântica e discursiva não. Essa mobilidade é responsável pela composição da gramática e pela Gramaticalização, processo de mudança das línguas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE. Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. III vol. 2. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728. 8 vol. Versão digital disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/2/meio>.

CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. *Cadernos de estudos lingüísticos e literários*. Salvador: UFBA, n. 19, p. 25-60, 1997.

\_\_\_\_\_. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JUCÁ FILHO, Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1963.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

NOGUEIRA, Priscilla de A. *Gramaticalização da construção quase que: motivações cognitivas para o uso da construção e incerteza*. 2014. 298 f. Dissertação (Mestrado). – Universidade de São Paulo. São Paulo.

SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789. Versão digital disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/en/diccionario/2/meio>.